

CONVERSA FIADA

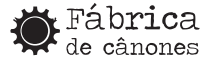
UMA CLÍNICA
IMAGINAL

MARA ZOCH LISBOA

CONVERSA FIADA

UMA CLÍNICA
IMAGINAL

1ª edição | São Paulo | 2026



Copyright © Fábrica de cânones, 2026

Conversa fiada • Uma clínica imaginal © Mara Zoch Lisboa, 2026



Editor

Eduardo Guimarães

Estagiária de editoração, preparação e revisão

Victória Moreira

Projeto gráfico e diagramação

Regina Dantas

Ilustrações

Luana DeLucca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

L749c Lisboa, Mara Zoch

Conversa fiada : uma clínica imaginal / Mara

Zoch Lisboa. – São Paulo, SP : Fábrica de Cânones, 2026.

116 p.

ISBN 978-65-85148-36-8

1. Literatura brasileira 2. Psicologia I. Título

26-2773

CDD B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo – SP – Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

À minha mãe, Belaortiz Zoch Lisboa,
que sempre soube fiar uma boa conversa,
contando antigas histórias com palavras vivas.
Essas histórias estão em mim desde então.

AGRADECIMENTOS

À Rose Zoch, por trazer à lembrança uma cena da nossa infância: enquanto as primas mais velhas cantavam, e eu só repetia as últimas palavras.

À minha tia, Maria Serli, porque me ensinou, ainda criança, a declamar O Navio Negreiro, de Castro Alves.

À minha irmã, Denise, porque entrega diariamente amparos inestimáveis.

Ao meu pai, Ernani Gomes Lisboa (*in memoriam*), porque me ensinou a ouvir os silêncios.

Por fim, a Eduardo Guimarães, porque não largou a mão nem quando as palavras se embrenharam nos labirintos mais escuros.

Este trabalho traz duas vozes importantes com quem a conversa se iniciou e continuou reverberando até as últimas palavras: Cristina Maranzana da Silva e Gustavo Barcellos.

Para fazer justiça, teria que agradecer a mais pessoas do que estas páginas poderiam carregar. Pois acredito que somos compostos por nossos encontros. E foram muitos.

Sou agradecida a todos esses que não figuram aqui, mas que estão comigo... ao fundo. Fertilizando o texto.

Tentei escrever de uma forma clara e organizada, mais objetiva. Tentei domar o que e como escrevia. Tentei “adequar” a escrita original para que coubesse em um livro palatável. Mas não consegui.

Então lembrei que antes de escrever meu primeiro texto para apresentar em uma Jornada de Psicologia, minha analista na época me disse que deveria deixar que um tema me tomasse e me conduzisse ao que queria ser escrito. Eu iria segui-lo se estivesse verdadeiramente implicada com ele. Se com isso conseguisse deixar gravado na lembrança das pessoas uma imagem, seria perfeito. Naquele momento compreendi que antes de escrever precisava escutar. E aceitar que um tema sempre se apresenta falando em sua própria linguagem imaginal.

Como pude esquecer?

Como poderia escrever sobre conversa fiada, fios e labirintos sem me embrenhar em uma escrita tortuosa? Como poderia escrever sobre psicoterapia sem me perder no processo, sem resistir? Como poderia escrever sobre o entrelaçamento das influências arquetípicas na vida cotidiana sem vivenciar essas influências na escrita?

Como poderia escrever “sobre” alguma coisa? Não poderia.

Porque este é um processo que não se constrói somente com palavras escritas. É algo que se constrói principalmente escutando o mundo, escutando o texto. Escutando “quem” chega e qual repertório e estrutura traz. Como pude

esquecer que toda escrita também é uma escuta? Que é preciso compreender “quem” fala junto, “quem” comparece e de que forma compõe o que é dito e o que é escutado. Que somos permeáveis a incontáveis influências fora do radar da consciência? Tal qual em psicoterapia.

Como pude esquecer?

...

A ESCRITA COMO O FIO E O LABIRINTO

Este texto começou a ser escrito a partir de fragmentos que eram jogados na tela, na esperança de que em algum momento um fio viesse resgatá-los. Enquanto escrevo, aqui no momento presente, que logo será passado, espero que isso aconteça. Mas agora, neste ontem, ainda não aconteceu. O texto está ficcionando seu futuro. Ele ainda não tem um corpo, mas já existe. Este texto está se escrevendo a partir de estilhaços, é puro enredo em seus fragmentos. Ele precisa ser escutado para ganhar corpo. Então escrevo, leio, gravo e escuto. E novamente. Mais uma vez. Esperando que as palavras se encontrem com o fio.

É preciso esperar.

Tudo começou com uma frase que brotou e não queria desocupar minha cabeça — *Travessias no Vazio* — *Travessias do Vazio*. Acreditei que era um título. Um texto que já nascia se automeando. Mas os dias passaram e a frase, apesar de persistir marcando presença, não entregava nada além disso. Um enigma. Persegui imagens que pudessem conter esse título. O que já é por si só bem estranho. Conter a travessia, conter o Vazio.

Como imaginar o Vazio? Seria lugar? Seria sujeito? Seria tempo? Seria ausência? Sabia-o estrangeiro. E isso era suficientemente imenso. Assustadoramente imenso.

Enfim entendi. A frase que brilhava solitária em um texto sem palavras, não era um título, mas sim uma imagem.

A primeira que se apresentou para conduzir esta labiríntica escrita. Mas não a única. Era preciso continuar aventurando. Seguir as imagens. Ou melhor dizendo, ficar com as imagens.

Se havia me enganado quanto ao título, contudo, não havia me enganado de todo quanto ao tema. Compreendi que escreveria sobre travessias. Há tempos flertava com temas correlatos: pontes, abismos, navegação, metamorfoses — a mais radical das travessias. A imagem de travessia me é especialmente atraente em sua disposição ao movimento. Um movimento que exige sempre um desenraizar, um primeiro passo que só acontece após o “rasgo”. O rompimento com algo conhecido e o lançar-se ao desconhecido sem muito preparo. Um abandono de paisagens povoadas de familiaridade para um lugar estrangeiro.

Assim, entendia que toda travessia traz, em sua essência, um movimento em direção ao vazio. Que toda escrita é uma travessia. E, como fui forçosamente percebendo, também um atravessamento de diversas forças além do desejo inicial de quem escreve. Há uma autonomia das palavras. Também das palavras. Diversos atravessamentos.

A escrita foi se apresentando como um desenho constituído de vontade própria. Por vezes escrevia em um capítulo e depois retomava em outro. Trocava de rota com tal determinação como se por onde estivesse indo não houvesse mais possibilidade de continuar. No início me relacionava com isso como uma maneira de escrever mais desorganizada, como se fosse somente uma indecisão acerca de qual caminho tomar. Assim, dispensava temas, figuras de interesse, puxava outros. Ou acreditava que era eu quem estava fazendo isso.

Entretanto, depois de um tempo, percebi que mais do que uma maneira caótica de escrever, tinha ali uma “intenção” que não era somente minha. O texto que começou a se delinear apontava em uma direção, mas foi se desviando, se transformando em outro. O Texto se apresentava como se um personagem fosse. E, como os personagens, desenhava um arco de sua trajetória, resolvendo conflitos, escolhendo caminhos. Cumprindo sua jornada de transformação enquanto se escrevia. Estava vivo. E era barulhento.

O que começou como uma exigência para a obtenção do título de analista junguiana e, portanto, com uma perspectiva mais formal foi se apresentando como um enredo em camadas: o que acontece na prática clínica, as histórias das figuras míticas aqui narradas e um pouco da minha história pessoal que vai escorregando para dentro da escrita. Há mais de uma perspectiva. Se não isso, pelo menos, mais de uma história se contando. As histórias foram se interpondo e fiando um texto interconectado.

Me entreguei a isso por compreender que só poderia ser assim. Aceitei que ele falasse como queria e percorresse seu caminho.

Porém, em um dado momento, percebi que o Texto não era somente vivo, era guloso. Eu estava espremida entre suas vontades. Quase psicografava. Freneticamente incluía mais e mais tópicos, personagens, assuntos. Em sua voracidade o Texto tinha engolido minhas palavras. Eu estava tomada demais e ele convicto de que seria um texto sem fim. Que iria se manter vivo assim na escrita interminável. Na avalanche de palavras. Na tagarelice. Então a percebo — Eco, a ninfa tagarela. Encoberta de palavras tenta me distrair, como é do seu feitio. Como não a percebi antes? Logo

Eco que é tão presente em minha prática clínica. E ainda assim, surpreendente.

Ela, que inicia sua jornada falando em excesso e é amaldiçoada a repetir as últimas palavras que ouve, segue hábil na tecedura com as palavras.

Até eu tomar consciência disso, estava impedida de me expressar. Amaldiçoada como Eco, não tinha mais palavras próprias. Era preciso encontrar uma saída. Ou melhor, entrar na conversa.

Então uma segunda imagem se apresenta, uma imagem feita de palavras — Conversa Fiada. Nela, há espaço para todos. Para as palavras vivas, para os questionamentos, para as influências.

Fizemos um acordo, autora identificada e texto vivo: escreveríamos juntos. E iríamos acolher quem se apresentasse para participar.

E nesse armistício me reencontro com os questionamentos que me trouxeram até aqui. Pois são nossos questionamentos que instigam o primeiro passo – aquele do “rasgo”, o que inicia as travessias. E que por vezes nos metem nestes labirintos intermináveis. O que instigou meu primeiro movimento em direção a essa escrita foi a pergunta: Quais mistérios carregam as palavras?

É utilizando a imagem da conversa que é fiada em psicoterapia e que vai entrelaçando o banal com o arquetípico, para, dessa forma, se relacionar com a palavra imaginada, que encontro um caminho que começa a fluir na escrita. O encontro com uma palavra que pode “falar” diferentes coisas com o mesmo corpo. Se compondo contexto.

COM A PALAVRA, A PALAVRA!

A palavra imaginada desdobra-se em imagens. Não se aprisiona em gêneros, conjunções, adjetivos ou verbos. Ao contrário, subverte regras e definições estabelecidas e se apresenta em imagens inéditas, fora das margens. É, antes de tudo, livre.

As palavras quando imaginadas não encarceram significados ou traduzem enigmas. Deixam-se habitar, emprestam corpo para histórias serem contadas. São dispostas para a conversa. E para travessias. Talvez até para verdadeiras metamorfoses.

Pensar a escuta clínica nessa perspectiva é ouvir a cada palavra como se fosse a primeira vez. Como se nunca houvesse sido dita ou ouvida antes. Provavelmente aqui reside o principal diferencial das palavras ditas em psicoterapia — são, de certa forma, sempre inéditas. São palavras destinadas à escuta e isso lhes dá um território. Porém não lhes impõe fronteiras intransponíveis. Em uma escuta imaginal, não se trabalha com a premissa de que as palavras do analisando irão “revelar” o “mal que o aflige”. Não há a busca de identificação de sintomas, tampouco a tentativa de um enquadramento diagnóstico. Busca-se o des-locamento. Novos caminhos.

Nesse território, as palavras permitem contar histórias que antes não foram contadas com a mesma densidade — ou foram, mas não foram ouvidas — e a cada vez que se conta uma história, se abre a possibilidade de contar uma

outra história. Não se trata de desmistificar os acontecimentos, mas exatamente de mistificá-los, re-envolvendo-os em mistério, ficcionando o que estava “dado como certo” e assim libertando-os de uma verdade eternizada na inscrição original. Afinal, a verdade eterna é uma sentença terrível. Seja ela qual for. Creio que essa ideia de “eternidade” é bem mais assustadora do que a de uma travessia no vazio. E sobre “verdades”? Bem, não vamos gastar palavras com isso. A questão é avivar as palavras a ponto de tornar possível que elas possam contar outras histórias sobre determinados acontecimentos. Inscrever outros registros. Ou não. Mas, exercitar o passo. Atravessar a estagnação.

Então imaginar a palavra não é somente fantasiar, é atravessar. A palavra imaginada que é, por natureza, ficcional, apresenta-se como um veículo para travessias.

Se esse veículo tivesse algum condutor mítico, para mim certamente seria Eco, sempre tão implicada com as palavras.

A presença de Eco ultrapassa o território do consultório e alcança o texto. Ela comparece dando sonoridade às palavras, cadenciando as histórias. Colocando-se pelas brechas. Encobertando em camadas o que está sendo dito, distraindo tantas vezes para depois retomar o ponto. Porque é preciso distrair-se para que a vida possa acontecer.

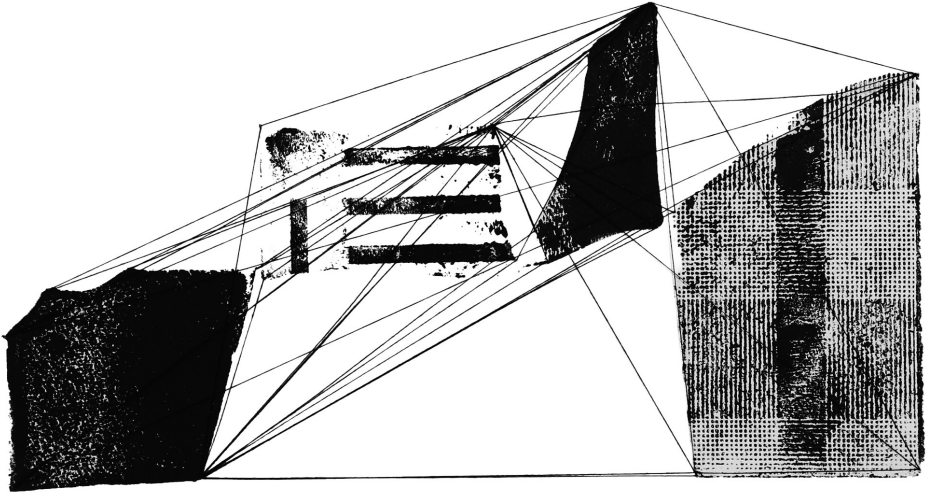
A repetição em Eco é uma maneira de se comunicar, seu jeito. Isso está evidenciado aqui pela repetição das palavras e de trechos que se referem ao mesmo tema. Assim quisessem se colocar — repetidamente. Mas a repetição esteve presente também fora destas margens. A relação com a palavra escrita não foi suficiente. Era preciso ler em voz alta. E isso também não bastava. Então gravava, escutava e só depois conseguia voltar ao texto, por vezes alterando

o que estava escrito, para continuar a escrever. Era como se só reencontrasse o fio da meada após me encontrar com a palavra repetida. Só assim conseguia escutar o que estava escrevendo. Desse processo, guardo horas e horas de gravações. Um trabalho que foi sendo tecido com palavras escritas e faladas. Repetidas para serem escutadas. Procurando Eco, me escutei no texto.

Lembremos que em Eco, a repetição tem um propósito: se relacionar com o outro. Não é imobilidade. Ela não está “afundada” na repetição. Ela se movimenta na repetição. E movimenta o outro.

Assim como na alquimia é impossível ao alquimista escapar da transformação sofrida pela substância, na escrita — e, igualmente, na psicoterapia — não escapa quem fala, quem ouve, tampouco as palavras que dizem. Todos, de certa maneira, sofrem as influências do processo ali experimentado e, ao final, ganham outras formas.

Conduzidos pelas palavras ditas, escritas, lidas, escutadas, uma conversa se estabelece consigo, com o outro e com o mundo. Esse é o ponto de travessia — a conversa fiada.



PSICOTERAPIA — UM TERRITÓRIO DE FRONTEIRAS DIFUSAS

A terapia é um modo de revivificar a imaginação e exercitá-la. O negócio terapêutico, como um todo, é esse tipo de exercício imaginativo. Ele retoma a tradição oral de contar histórias; a terapia “re-historia” a vida.

Hillman¹

Como já ficou evidente, há muito divido o consultório com Eco. Na verdade, com muitas outras figuras míticas, algumas que ali habitam desde muito, outras tantas que chegam com os pacientes. Elas se revelam nas histórias que se contam neste espaço e na maneira como as escutamos.

Mas afinal, o que acontece “nesse espaço”? O que acontece em psicoterapia? Qual a importância das palavras e dos temas discutidos em consultório?

Como escutar a fala terapêutica com uma perspectiva imaginal?

A ideia de uma conversa alternando banalidades com profundidades tem uma lógica muito particular nas trocas com meus pacientes. Por vezes é como estar fiando uma tapeçaria. Um longo fio que vai ganhando formas e desenhando algo que não está dito nas palavras, mas que,

.....

1 . HILLMAN, James. *Ficções que curam: psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler*. Tradução Gustavo Barcellos et al. Campinas: Verus, 2010, p. 26.

de alguma maneira, está sendo dito ao fundo. Compondo a história que está sendo contada.

Talvez diriam alguns que Eco não tem capacidade para conversa, pois “só repete” as palavras dos outros. Não nos enganemos, Eco não se perde das palavras, perde a aptidão de emitir palavras próprias.

Eco ecoa e nos faz ouvir o que dizemos. E isso é essencial em psicoterapia.

Além disso, traz ambiguidades importantes — excesso e falta, profundidade e tagarelice — que tão bem representam uma conversa fiada — e as imagens que essa expressão carrega, desde as pejorativas até as mais poéticas.

Pois escutar trata-se disso, de encontrar profundidade no banal, no pejorativo e no que está encoberto, desvalorizado. Compreender que a profundidade de todas as coisas depende de como nos relacionamos com elas. Como aprofundamos. Às vezes é preciso começar o mergulho pela tagarelice. Pela superfície, este portal tão pouco valorizado. E isso também é essencial em psicoterapia.

Já alertei acima que o misterioso território da psicoterapia é superpovoado. É um lugar de escuta, mas é, principalmente, um lugar de fala. E, creiam-me, há muitos falantes. Para falar sobre o que acontece em psicoterapia é preciso escutá-los junto com a fala do paciente. Conversar com eles, com seus mitos, perceber seus enredos. Seus emaranhados que são tão nossos. E não são. Ao mesmo tempo.

Suas histórias oferecem contornos às grandes questões com que nos debatemos em nossa existência humana. Encenamos o mesmo roteiro que encontramos nos mitos.

Podemos facilmente reconhecer nas narrativas mitológicas características universais e atemporais persistentes.

Sabemos que os mitos transpõem séculos e culturas diferentes que nunca tiveram contato entre si e se manifestam com a mesma base mitológica. Mudam os nomes dos deuses e das figuras míticas, integram-se temáticas culturais, temporais, mas há questões que se impõem. Se repetem. Insistentemente. Extrapolam a geografia e o tempo.

Com essa perspectiva percebemos a presença dos arquétipos na vida diária, seus grandes temas embutidos em nossos pequenos dramas, que vamos distraidamente repetindo como se inéditos fossem. E são. E não são. Ao mesmo tempo. Nossos e de todos. Ao mesmo tempo. Tramamos — e somos tramados nesses encontros. Isso precisa de voz na conversa, pois só assim será possível entender o que cabe dar conta em nosso tamanho humano. Compreendendo o tanto de imenso que nos permeia sem que percebamos.

Essa conversa vai se construindo a partir de encontros com figuras míticas, poetas, escritores, pensadores, outras imagens — fios, labirintos, touros, ilhas. Em uma imaginação derivativa que vai tecendo a tapeçaria.

Foram muitas conversas. E muita escuta.